OS CONFLITOS ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO FUTEBOL MASCULINO: ESTUDO SOB A LUZ DA PSICOLOGIA DAS MASSAS

Cauã Simões Penha, Gustavo D'addea Aparecido, Raphael Chagas Reschilian, Lauro Take Tomo Veloso, Marcia Dos Santos Sermanini.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes/Curso de Psicologia, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, gustavodaddea0@gmail.com, cauasimoespenha@gmail.com, raphaelreschilian@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com, marciasermarini@gmail.com.

Resumo

O presente estudo, de natureza teórico-interpretativa, investiga a violência exercida por torcidas organizadas do futebol masculino sob o prisma da Psicologia das Massas freudiana, articulando-a aos estudos psicossociais e às teorias sobre masculinidade hegemônica. A pesquisa caracteriza-se como revisão bibliográfica narrativa e crítica. A discussão articula conceitos psicanalíticos como investimento libidinal, identificação, agressividade, narcisismo das pequenas diferenças e desinibição pulsional às dinâmicas de homossociabilidade, homoafetividade reprimida e desempenho da virilidade nas arquibancadas, integrando a teoria da mente grupal e organização de McDougall e significantes lacanianos. Ademais, propõem-se intervenções psicossociais para mitigar a violência preservando o pertencimento. Os resultados indicam que a violência emerge da confluência entre história subjetiva, vulnerabilidade social, laços de massa e performances normativas de gênero, gerando impactos que desbordam os estádios e afetam a convivência e a cidadania no espaço urbano.

Palavras-chave: Psicologia das Massas. Torcidas Organizadas. Masculinidade Hegemônica. Violência Urbana. Espaço Público.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Psicologia.

Introdução

O futebol transcende o mero entretenimento esportivo e constitui um dos mais expressivos fenômenos culturais e sociais da contemporaneidade, repercutindo na música, na literatura, na economia e no debate político (Campos, 2025; Caldas, 1997; Barbosa, 2008; Almeida, 2023). Contudo, essa manifestação de massa é historicamente atravessada pela violência praticada por agrupamentos de torcedores no futebol masculino, cujos confrontos recorrentes impõem severos desafios à ordem pública urbana e têm mobilizado autoridades estatais e entidades esportivas na busca por mecanismos de contenção, tais como o cadastramento biométrico, a atuação de batalhões policiais especializados e a imposição de torcida única em clássicos estaduais. A persistência desses episódios evidencia a necessidade de compreender os raízes psicossociais e estruturais do fenômeno para além de respostas exclusivamente punitivas ou repressivas.

A complexidade atual das torcidas organizadas resulta de um processo histórico de transformação das formas de participação nas arquibancadas brasileiras. Inicialmente, as torcidas voluntárias, sem vínculos formais e integradas majoritariamente por membros das elites urbanas, expressavam um envolvimento pontual com as agremiações esportivas por meio de recursos simbólicos como lenços, apitos e cornetas (Correia Sobrinho, 1997). A partir da década de 1940, emergiram as torcidas uniformizadas, que passaram a ocupar setores demarcados dos estádios e a utilizar artefatos visuais e festivos, mantendo, contudo, estreita tutela e subordinação às diretorias clubísticas (Geron, 1993). Essa configuração de dependência institucional foi rompida no final da década de 1960, com a fundação das torcidas organizadas independentes, a exemplo dos Gaviões da Fiel em 1969, que articularam a paixão clubística à contestação política, à fiscalização democrática dos clubes e à reivindicação de liberdade de manifestação e direito ao protesto em pleno contexto da ditadura militar (Diaféria, 1996; Teixeira, 2004). A rápida democratização e expansão do esporte catalisou a adesão popular a tais agremiações.

Diante desse cenário multifacetado, a Psicanálise oferece um referencial fecundo para perscrutar os processos subjetivos e inconscientes que operam na violência coletiva. Em Psicologia das massas e análise do eu, Freud (1921/2011) investiga as transmutações anímicas decorrentes da inserção do indivíduo no coletivo, ressaltando a primazia dos laços libidinais e da identificação na tessitura da massa e na modificação da relação do sujeito com seus referenciais morais e éticos. Nesse sentido, o presente estudo investiga os conflitos entre torcidas organizadas do futebol masculino à luz da teoria freudiana, articulando-a às categorias de gênero, masculinidade hegemônica e dinâmicas intergrupais. Pretende-se, desse modo, superar o reducionismo punitivista e oferecer subsídios teóricos para a formulação de intervenções psicossociais, estratégias preventivas e políticas públicas integradas de convivência cidadã no espaço público.

Metodologia

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza teórico-interpretativa, desenvolvida pelo método de revisão bibliográfica narrativa e crítica. O levantamento contemplou produções seminais relativas à Psicologia das Massas, metapsicologia psicanalítica, sociologia do esporte, teorias sobre masculinidades e psicologia social da violência intergrupal. Sigmund Freud figura como o eixo teórico basilar, em especial as teses de Psicologia das massas e análise do Eu (1921), Além do princípio do prazer (1920) e O mal-estar na civilização (1930), articuladas aos conceitos de significante e sujeito em Jacques Lacan e à psicologia das massas organizada de William McDougall. No campo das relações de gênero e sociabilidade masculina, incorporou-se a contribuição seminal de Welzer-Lang (2001) acerca da construção da virilidade e dominação, conjugada aos estudos sociológicos e empíricos sobre torcidas no Brasil (Pimenta, 2000; Murad, 2013) e modelos de identidade social em multidões (Stott; Reicher, 1998; Stott; Hutchison; Drury, 2001). A sistematização interpretativa foi estruturada em três eixos: dinâmicas psíquicas e organizacionais da massa; performances de masculinidade hegemônica, homossociabilidade e agressividade; e dimensões psicossociais no espaço urbano e proposições interventivas.

Resultados e Discussão

A compreensão da violência relacionada às torcidas organizadas exige, inicialmente, que se considere o sujeito singular antes de sua inserção no agrupamento. O torcedor não ingressa na coletividade destituído de historicidade; ao contrário, traz consigo marcas singulares, afetos, desejos inconscientes, frustrações e conflitos próprios. Freud (1930/2010), ao discutir o mal-estar inerente à civilização, elucida que a experiência humana é permanentemente cindida entre a pulsão pela satisfação e as incontornáveis renúncias impostas pela cultura e pelas instituições sociais. Contudo, essa economia psíquica individual não se desenvolve no vazio abstrato, conectando-se diretamente às condições concretas e materiais de existência do sujeito, as quais delineiam os horizontes de reconhecimento social, inserção cidadã e fruição de que ele dispõe em sua vida cotidiana.

É fundamental afastar qualquer determinismo mecanicista entre condição socioeconômica e violência: a precariedade material jamais gera, por si só, comportamentos delituosos. Ocorre que, em cenários marcados por desfavorecimento estrutural e escassez de espaços públicos qualificados de cultura e lazer, o futebol institucionaliza-se como um dos raros territórios de validação identitária, visibilidade e satisfação afetiva intensa. O clube transforma-se em um vetor catalisador da economia anímica do indivíduo, que encontra no estádio vivências compensatórias de potência diante do desamparo social. Esse fenômeno ancora-se no conceito de investimento libidinal (Freud, 1914/2010), pelo qual a libido investida no objeto clubístico adquire magnitude tal que as vitórias são vivenciadas como engrandecimento egóico e as derrotas como dilacerações narcísicas.

A agressividade inerente ao contexto desportivo não se esgota na competição atlética, encontrando substrato na própria teoria pulsional (Freud, 1923/2011; 1930/2010). Frustrações cotidianas e sentimentos de impotência social são facilmente canalizados para o adversário externo. O mecanismo do narcisismo das pequenas diferenças (Freud, 1930/2010) opera com extrema nitidez: grupos com origens geográficas, sociais e culturais praticamente idênticas amplificam distinções simbólicas mínimas — tais como cores, hinos e brasões — para instituir uma cisão irreconciliável entre o "nós" e o "eles". A rivalidade esportiva transmuta-se, assim, em uma fronteira identitária existencial, na qual a desqualificação do outro é condição imperativa de coesão interna.

Ao analisar a passagem do sujeito individual para a massa e o direcionamento da hostilidade, cumpre não amenizar o rigor da metapsicologia freudiana. A submissão da conduta do membro aos ditames do grupo não decorre de uma mera acomodação consensual; ela opera uma profunda alteração moral pela supressão das inibições individuais e regressão pulsional. Conforme assevera Freud (1921/2011), o indivíduo que faz parte de um grupo adquire, unicamente por considerações numéricas, um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a pulsões que, estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção. Ao colocar o clube ou a liderança no lugar de seu Ideal do Eu, o sujeito afrouxa a censura moral de seu próprio Eu, autorizando a vazão de impulsos destrutivos previamente recalcados que seriam inaceitáveis fora da massa.

Essa regressão psicológica da multidão ganha elucidação teórica quando articulada às proposições de William McDougall em The Group Mind (1920), expressamente retomadas por Freud em Psicologia das Massas. McDougall partia do paradoxo de que a massa informe e passageira rebaixa a capacidade intelectual e exalta a instabilidade emocional do indivíduo, encontrando uma solução para essa desorganização psíquica justamente no fator da organização. O autor postula que a mitigação da desordem caótica e a manutenção das faculdades do sujeito dependem de cinco condições estruturantes: continuidade de existência do grupo; autoconsciência de sua natureza e propósito perante outros grupos; interação e rivalidade com corpos coletivos análogos; acervo de tradições, costumes e rituais próprios; e estrutura definida com diferenciação interna de papéis e especialização de funções. As torcidas organizadas brasileiras corporificam fielmente essas cinco condições: possuem estatutos, hierarquia funcional estrita (baterias, bandeiras, caravanas, comando de pistas), acervo memorável de cânticos e continuidade temporal. É precisamente a organização institucional que confere estabilidade e perenidade à mente grupal da torcida, coordenando a energia de seus membros e potencializando suas ações no espaço público.

Sob o vértice lacaniano, a própria expressão "torcida organizada" desdobra-se em sua eficácia significante. O significante "organizada" inscreve o sujeito na ordem da linguagem e no laço social (Lacan, 1957/1998; 1960/1998), assegurando-lhe um lugar de inscrição simbólica e nomeação contra o vazio subjetivo. De modo análogo, o "escudo" cumpre dupla função: simboliza a heráldica idealizada à qual o torcedor se aliena simbioticamente (Mahler; Pine; Bergman, 1975) e funciona como barreira psíquica de proteção contra o desamparo individual, operando como manto de anonimato e desresponsabilização moral nas arquibancadas.

Todavia, essa dinâmica psicanalítica não opera em um vácuo neutro ou a-historico: a violência nas torcidas de futebol é profundamente atravessada por marcadores sociais de gênero e pela imposição da masculinidade hegemônica. A virilidade nas arquibancadas não é um dado natural, mas uma performance construída socialmente no registro da disputa física, da dominação, da apropriação territorial e da recusa visceral da vulnerabilidade. Conforme demonstra Welzer-Lang (2001), a socialização masculina estrutura-se a partir da casa dos homens, dispositivo social no qual a validação entre pares exige rituais permanentes de prova da heterossexualidade compulsória, combate e desumanização da alteridade feminina ou homossexual. As arquibancadas masculinas conformam um reduto exemplar de homossociabilidade e homoafetividade: sob o manto da cultura homofóbica dominante — que proscreve qualquer contato físico ou expressão afetiva direta entre corpos masculinos no cotidiano —, o estádio erige-se como território socialmente legitimado para abraços, lágrimas compartilhadas e proximidade corporal exacerbada. Para neutralizar o risco de afetação erótica homossocial em uma estrutura homofóbica, o grupo masculilizado canaliza esse excesso afetivo sob a forma de agressividade viril e violência contra a alteridade do rival, reafirmando violentamente a sua invulnerabilidade perante o coletivo (Welzer-Lang, 2001).

Esse diagnóstico explicita a assimetria apontada pelos dados empíricos: a expressiva predominância de violência física nas torcidas masculinas contrasta com o perfil das torcidas femininas ou mistas, nas quais o pertencimento não se sustenta prioritariamente na obrigação ritual do confronto bélico e na honra guerreira. A desigualdade socioeconômica, longe de ser geradora automática de violência, atua na expropriação de alternativas de agência e dignidade para as juventudes periféricas, fazendo com que a defesa da bandeira e a reputação corporal no confronto de rua tornem-se os principais capitais simbólicos ao alcance de homens jovens vulnerabilizados. Uma sociedade menos desigual e estruturalmente comprometida com o acesso pleno à cidadania enfraqueceria as raízes materiais que impelem jovens a buscar validação exclusiva em arenas violentas; do mesmo modo, uma cultura de gênero que desloque a masculinidade da égide da dominação desarticularia a necessidade de provar a virilidade por meio do extermínio do outro.

Diante disso, a Psicologia e as políticas públicas não podem limitar-se à repressão policial ou ao monitoramento punitivo. Urge propor caminhos de atuação psicossocial concretos: desenvolvimento de oficinas psicossociais continuadas com lideranças jovens e coletivos de torcedores, abordando educação emocional, desconstrução da masculinidade hegemônica e ressignificação da rivalidade; fortalecimento de programas de mediação comunitária de conflitos e justiça restaurativa articulando clubes, torcidas organizadas, órgãos de segurança e o Poder Judiciário; fomento às agremiações de torcedores como espaços formativos de cidadania, participação política e ações socioculturais comunitárias — preservando a inegável potência positiva de solidariedade, sociabilidade e pertencimento do futebol —, enquanto se erradica sua face predatória e belicosa.

Conclusão

O presente trabalho evidenciou que os conflitos entre torcidas organizadas no futebol masculino decorrem de uma complexa articulação entre história subjetiva, desamparo socioeconômico, psicologia das massas freudiana, organização grupal e prescrições de masculinidade hegemônica. A inserção na massa estruturada e ritualizada mitiga a desorganização interna do indivíduo (McDougall), ao mesmo tempo em que rebaixa suas inibições morais e libera pulsões reprimidas que encontram vazão legítima na hostilidade ao rival (Freud, 1921/2011).

Essa dinâmica agressiva ancora-se na necessidade de reafirmação viril e na homossociabilidade esportiva (Welzer-Lang, 2001), cujos efeitos ultrapassam os limites dos estádios e lesam gravemente a mobilidade urbana, a segurança pública e o direito à cidade. O enfrentamento sustentável do problema exige superar abordagens unicamente segregatórias e punitivistas. É imprescindível investir em intervenções psicossociais interdisciplinares, na democratização do espaço urbano e na desconstrução dos padrões agressivos de masculinidade, permitindo que a paixão desportiva permaneça como uma vigorosa experiência coletiva de celebração, acolhimento e emancipação social.

Referências

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Futebol, cultura e sociedade no Brasil contemporâneo. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 70, p. 1-18, 2023.

BARBOSA, Lívia. O futebol como espelho da sociedade brasileira: representações identitárias e consumo. **Revista USP**, São Paulo, n. 79, p. 44-59, 2008.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro.** São Paulo: Ibrasa, 1997.

CAMPOS, Flávio de. Futebol, sociabilidade e política: memórias e tensões nas arquibancadas paulistas. **Revista Brasileira de História do Esporte**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2025.

CORREIA SOBRINHO, Pedro. Futebol e torcida: memórias da formação das primeiras associações clubísticas no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 30-41, 1997.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Coração corinthiano: grandes clubes do futebol brasileiro e seus maiores torcedores**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1996.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo (1914). In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Obras completas. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 13-40.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Obras completas. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15, p. 13-113.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Obras completas. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das

Letras, 2011. v. 16, p. 13-74.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Obras completas. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18, p. 13-122.

GERON, José Carlos. Torcidas uniformizadas de futebol: espetáculo e enquadramento institucional nos estádios paulistas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 24, n. 1, p. 89-106, 1993.

KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). In: KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Obras completas de Melanie Klein. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v. 3, p. 17-43.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

MAHLER, Margaret S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. The psychological birth of the human infant: symbiosis and individuation. **New York: Basic Books, 1975**.

McDOUGALL, William. The group mind: a sketch of the principles of collective psychology with some attempt to apply them to the interpretation of national life and character. **Cambridge: Cambridge University Press, 1920**.

MURAD, Mauricio. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro: aspectos sociológicos e criminológicos. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 297-320, 2013.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

STOTT, Clifford; HUTCHISON, Paul; DRURY, John. Hooligans abroad? Inter-group dynamics, social identity and participation in collective 'disorder' at the 1998 World Cup finals. **British Journal of Social Psychology**, London, v. 40, n. 3, p. 359-384, 2001.

STOTT, Clifford; REICHER, Stephen. How conflict escalates: the inter-group dynamics of collective football crowd 'violence'. **Sociology**, London, v. 32, n. 2, p. 353-377, 1998.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão:** praticando o futebol em torcidas jovens. São Paulo: Annablume, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. A construção da masculinidade: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineu Alfons Schuch. Porto Alegre: Artmed, 1983.